



«O HÓSPEDE DE JOB» — de José Cardoso Pires

Por
ALEXANDRE PINHEIRO
TORRES

Esta nota crítica terá hoje um aspecto especial. Não irei falar muito do romance *O Hóspede de Job*, do romance propriamente dito, mas apenas a propósito de um problema que foi suscitado pela sua leitura.

Tal decisão surge, porque tal problema tem a sua importância.

Que eu diga, apenas, que considero *O Hóspede de Job* o melhor romance de 1963 (em mérito relativo) e um romance verdadeiramente notável (em mérito absoluto), e esta opinião poderá servir de guia para aqueles eventuais leitores que confiem no meu juízo.

Ora, o problema é o seguinte: é ou não *O Hóspede de Job* um romance? Confesso que tal questão não me foi suscitada directamente pela leitura do livro, mas sim pela opinião, aliás digna de respeito, que expenderam alguns meus colegas da crítica literária. De acordo com o parecer destes, *O Hóspede de Job* não seria um romance. Um deles chegou a aventar mesmo que se trataria antes de uma roupa cosida de vários retalhos, retalhos estes que seriam «histórias» ou «contos», mais ou menos desligados uns dos outros, ou frágilmente unidos por fio de certa inconsistência.

Tal opinião, por muito respeitável que seja, surpreendeu-me por duas razões:

1.^a É que o conceito de *romance* não resiste hoje ao encaixamento em moldes rígidos ou estereotipados. Só tem havido, até à data, uma grande característica comum: é que todo o romance conta uma *história* (o leitor dirá: o *conto* ou a *novela* também a contam, o que não impede que o denominador comum não seja aquele que apontei e que, para destringer tais géneros, não haja que considerar outras características). Por outro lado, a partir do *Satiricon*, em que há desde o poema até à crítica literária, passando pelo *D. Quixote*, em que há «derivações» como o discurso das armas e das letras e a apolo-gia da Idade do Ouro, até che-

gar ao complexo romance dos nossos dias, onde se encontra de *tudo*, se considerarmos — repito — o romance naquilo que ele tem *sido* até chegar a ser, às vezes, *apenas*, *romance-experiência*, começa a tornar-se «perigoso» dizer que um determinado livro que se apresenta como romance *não* é um romance. Tal afirmação pode ser feita em nome de um certo tipo de «conservadorismo estético», expressão que oferece também os seus perigos, pois o crítico que não queira aparentar ser (muitas vezes por provincianismo) reaccionário sob o ponto de vista «formalístico» arrisca-se a comer por lebre todo o gato ranhoso mas arrebicado de saladas excêntricas e coloridas que lhe queiram servir no prato. Tal tipo de serviço continua, aliás, a ser corrente no restaurante das letras.

2.^a É que *O Hóspede de Job* conta de facto uma «história» indivisa, oferece um tipo de unidade que até acontece estar de acordo com as exigências, mais ou menos clássicas, do *romance* como género.

Uma «história» una, não dividida? Julgo que sim. Vejamos: nos três primeiros capítulos a «câmara cinematográfica» do Autor apresenta-nos Cercal Novo. Depois a «câmara» desvia-se para Cimadas: o outro pólo da questão: os problemas rurais. José Cardoso Pires entra no seu «estilo», esse «estilo» de que é prova exuberante *O Anjo Anco-rado*: a exibição dos planos antitéticos. Neste livro tínhamos dum lado João e Guida Sampaio, ilustres «desocupados», discutindo o sexo dos anjos, do outro lado, a aldeia de pescadores e seus problemas primários. Em *O Hóspede de Job* temos, dum lado, o jogo gratuito do Polígono de Tiro, do outro uma província de estrutura medieval, seca, «chômage», e o pano de fundo da Guarda. E as figuras desfilam cómicas, picarescas ou trágicas. Entre os dois pólos: Cercal Novo e Cimadas, a «câmara» não descansa. Mos-

tra-nos a velha Casimira chorando por Floripes que assoma às grades da prisão, o velho Aníbal que procura arrimo no filho soldado, demora-se sobre uma debulhadora, a pequenada sórdida à procura de estilhaços de granadas, João Portela ferido, etc., etc. A «câmara cinematográfica» desliza, silenciosa. Aponta os sentimentos dos homens e os objectos demora-se o essencial

sobre as personagens para nos dar o seu verdadeiro retrato. Que «história» temos no fim? Não há «histórias», não há «contos» cerzidos. Há uma «história» que uma «câmara» móvel, versátil, rápida, nos conta, em vez de estar parada, focando as coisas teimosamente dum único ângulo, como acontecia no cinema dos primeiros tempos.

Esta forma de «agilidade romanesca» é capaz de desorientar tanto quanto aquela que veio a surgir no cinema, a ponto de deixar o espectador perplexo. O seu carácter fundamentalmente *dinâmico*, a

sua «inquietação», o seu súbito despegar de algumas coisas e de alguns homens para aderir logo a outras coisas e outros homens poderão dar ao livro esse ar aparentemente «fragmentado» que propiciou o juízo que, agora, discuto. Mas essas coisas e esses homens vivem todos numa curta área onde não há soluções de continuidade. Tudo ali se imbrica. Tais coisas e tais homens *iluminam-se* uns aos outros. *O Hóspede de Job* é, afinal, um pequeno palco, em que por muito que se dêem costas os personagens, não deixam de ser a carne do mesmo mundo.